

RESENHA: GAY, ROXANE. *AN UNTAMED STATE*. NEW YORK: BLACK CAT, 2014.

Priscilla Pellegrino de Oliveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Autora de um romance, livros de contos e memoriais, a americana Roxane Gay, famosa por seu *best seller* de ensaios intitulado *Bad feminist* (Má feminista) (2014), além de escritora, é também professora de inglês na Universidade de Purdue, colunista do *The New York Times* e representante do feminismo contemporâneo.

Seu único romance até o momento, *An untamed state* (ainda sem tradução para o português), também de 2014, um *thriller* psicológico, é uma história de trauma contada sob a perspectiva da personagem principal, em primeira pessoa, abarcando várias questões tais como casamento, violência, imigração, família e poder.

A narrativa relata acontecimentos da vida de Mireille Duval que, em uma viagem ao Haiti, terra natal de seus pais, onde ainda vivem, é sequestrada. Seu pai, Sebastien Duval, abastado empresário e engenheiro haitiano, recusa-se a pagar o resgate e Mireille é estuprada pela gangue de criminosos que a sequestraram até sua soltura, 13 dias depois.

O romance se divide em duas partes que narram a história de amor e convivência familiar entre a protagonista e seu marido e a vivência de seu trauma após o sequestro, além do relato da violência em si. A história assim se divide por ser um antes e depois de um acontecimento traumático marcante.

Outras questões estão presentes na trama, como etnia e nacionalidade. Mireille é de família haitiana, assim como a própria autora, e seu marido Michael, americano. Na convivência entre famílias, Michael é bem aceito por ser um típico americano de classe média, bonito e branco. Já Mireille não é bem aceita pela família do esposo por ser americana e haitiana - filha de imigrantes -, mesmo que de uma família de classe alta. Sua relação com a sogra é conflituosa no início, mas Mireille decide cuidar da mãe do marido

quando ela descobre um câncer. Tal cuidado é retribuído após o sequestro de Mireille quando a sogra a ajuda a cuidar de suas feridas emocionais.

O realismo do romance não o destitui de sua essência de conto de fadas ao estilo irmãos Grimm adaptado para os nossos tempos, em que a princesa tem como antagonista não uma mulher (bruxa, madrasta), mas um homem (o pai, o rei).

A parte 1 do romance começa com o título *Happily ever after* (Felizes para sempre), uma frase que costuma terminar contos de fada romantizados. No romance em questão, porém, o título serve para ser desconstruído ao longo da história que será contada. Nessa sessão, em subdivisões entre cativo e vida anterior ao sequestro (*flashbacks*), observamos que Mireille tinha um casamento feliz, um filho ainda bebê, uma carreira e toda uma vida nos Estados Unidos desde o nascimento com a própria família. Seus pais haviam decidido se mudar de volta para o Haiti, onde passaram a viver em uma mansão, pois seu pai havia ganhado muito dinheiro como engenheiro em solo americano. É justamente diante do portão dessa casa que Mireille é levada pelos sequestradores com uma arma apontada para si diante do marido e do filho. As cenas do cativo são tensas e cheias de suspense. O pai de Mireille não cede justificando que pagar o resgate levaria os criminosos a repetir o crime com outros membros da família. Após essa decisão, a sequência de estupros começa e nos são contadas de forma explícita. Sob as ordens do chefe da gangue, chamado de *commander*, todos os sequestradores violentam e torturam Mireille física e mentalmente. O ódio à pobreza e à situação do próprio país levam os criminosos a transferirem sua raiva e desprezo por Sebastien para Mireille. Em um momento, Mireille contesta o sequestrador afirmando não ter culpa das mazelas do Haiti. O *commander*, por sua vez, responde que ela era o tipo de pessoa que não fazia nada para mudar a situação, o que seria possível. A ironia é que ambos estavam

certos. O medo e o terror tomam conta da história apontando para um final possivelmente trágico. Porém, Mireille é libertada mesmo sem o pagamento do resgate.

A outra seção do livro conta com o título *Once upon a time* (Era uma vez) e relata como a personagem principal vive com o trauma e o quanto deseja se libertar dele. A volta para os Estados Unidos e o afastamento do Haiti não a fazem se recuperar das marcas físicas e das dores psíquicas que agora fariam parte de sua vida. Mireille tenta voltar ao trabalho e resiste, no início, à ideia de buscar ajuda médica e psiquiátrica, mesmo sabendo que poderia ter contraído alguma enfermidade ou ficado grávida. Muito debilitada, passa um tempo afastada do marido e do filho, período em que se recupera na casa da sogra. O transtorno pós-traumático nos é mostrado através de pesadelos e fugas desesperadas de um lugar para o outro em uma tentativa de fuga da realidade: sua mente ainda não estava livre.

Ao final da narrativa, Mireille decide viajar mais uma vez para o Haiti para encontrar o pai após um período de fortalecimento psíquico. Mireille desiste de uma vingança percebendo que ainda havia humanidade e bondade dentro de si, mesmo não o tendo perdoado, como podemos notar a seguir: “When I looked into his face, all I saw was an old man who made a terrible, weak choice and had to live with it for what remained of his life. He did not deserve the truth of how I died.” A seguir, Mireille mente e sente-se liberta: “I came here to tell you I forgive you.”¹ (GAY, 2014, p. 351)

De acordo com Roxane Gay, a primeira versão da conclusão do romance não tinha um final feliz, porém após receber alguns *feedbacks* sobre a história, percebeu que deveria tornar o fim da história feliz de alguma maneira, ou menos desesperançoso. Assim, a autora oferece às mulheres uma saída para uma situação difícil: em vez de morte,

¹ Em uma tradução livre: “Quando olhei para seu rosto, tudo o que vi foi um homem velho que tomou uma decisão fraca e terrível e tinha que conviver com isso pelo que restou de sua vida. Ele não merecia a verdade de como eu morri.” (...) “Eu vim aqui para dizer que te perdoo.”

vingança, desespero, separações e tantos outros finais pessimistas, a escritora mostra que é possível, através da literatura, retratar a esperança após a vivência de um trauma.

A narração em primeira pessoa possibilita uma sobrevivente de sequestro e estupro relatar sua terrível experiência de forma que ela se torne suportável, funcionando como uma descarga de emoção. Em vários trechos durante o período em que estava em sua “jaula” e após sua libertação, Mireille se define como “ninguém”. Isto é, não conseguia mais se sentir como uma pessoa com identidade.

An untamed state claramente faz parte da terceira onda do movimento feminista, iniciado nas décadas de 1980 e 1990, vigorando até hoje em um momento mais maduro do feminismo que passa a criticar outros aspectos que giram em torno da opressão da mulher. A autora engloba a questão da violência contra a mulher em diversos aspectos, tais como desprezo, violência sexual e preconceito. Como símbolo dessa questão, no romance, podemos destacar o corpo da mulher, que é alvo de agressão, sendo o estupro um crime de poder e violência, não de sexo propriamente dito. Assim sendo, o título passa a ser entendido como uma metáfora do próprio corpo de Mireille, um “estado não domado”, que mesmo passando pelo sofrimento agudo de um acontecimento brutal, é capaz de sobreviver.

Sendo assim, o romance deve ser pensado em seus aspectos mais profundos de crítica a uma realidade feminina infelizmente comum, não só em países com profundas desigualdades sociais como o Haiti, mas também em outras culturas.

Recebido em: 14/11/2018

Aceito em: 11/12/2018